



Anais de Artigos

VI Seminário Internacional de Pesquisas em Mídia e Processos Sociais

ISSN 2675-4169

Vol. 1, N. 6 (2024)

Um mundo midiaticado e poucas vozes¹

A mediatization world and few voices

Juliana Linhares Brant Reis²

Giovandro Marcus Ferreira³

Resumo:

O objetivo deste artigo é debater sobre a importância de analisar os efeitos de sentido do silêncio e da não-circulação. Quais os efeitos de sentido na ausência do discurso, na falta de uma comunicação para a diversidade? Autores como Verón, Fairclough, Orlandi e Grohmann contribuem para refletirmos sobre as noções de discurso, sentido e silêncio. A pesquisa mostra que as lutas por circulação são muitas e se relacionam com as lutas por poder. Onde há disputa de poder, há também diferentes escolhas e nessa diversidade podem estar as brechas para compreendermos as lutas por sentidos. Mais do que utopia, compreender efeitos de sentidos da não-circulação é fundamental em uma sociedade democrática, sobretudo para dar voz a quem não é ouvido.

Palavras-chave: mediatização; silêncio; circulação; sentido.

Abstract:

The aim of this article is to discuss the importance of analyzing the meaning effects of silence and non-circulation. What are the effects of meaning in the absence of discourse,

¹ Trabalho apresentado ao VI Seminário Internacional de Pesquisas em Mídia e Processos Sociais. POSCOM-UFSM. Santa Maria, RS.

² Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Cultura Contemporâneas da UFBA; pesquisadora do CEPAD; e-mail: julianalinharesb@gmail.com. Bolsista FAPESB.

³ Professor orientador da pesquisa. Doutor em Ciências da Informação (Media), professor na Faculdade de Comunicação da UFBA e coordenador do Centro de Estudo e Pesquisa em Análise do Discurso e Mídia (CEPAD); e-mail: giovandro.ferreira@gmail.com. Bolsista CNPQ (PQ / PDE).



Anais de Artigos

VI Seminário Internacional de Pesquisas em Midiatização e Processos Sociais

ISSN 2675-4169

Vol. 1, N. 6 (2024)

in the absence of communication for diversity? Authors such as Verón, Fairclough, Orlandi and Grohmann help us to reflect on the notions of discourse, meaning and silence. The research shows that the struggles for circulation are many and are related to the struggles for power. Where there is a power struggle, there are also different choices and in this diversity may lie the gaps for understanding the struggles for meaning. More than a utopia, understanding the effects of non-circulating meanings is fundamental in a democratic society, especially in order to give a voice to those who are not heard.

Keywords: mediatization; silence; circulation; meaning.

1. Um mundo (mediatizado) e poucas vozes

Discurso e linguagem são fundamentais nas práticas sociais, contribuindo para a constituição da estrutura social que, por sua vez, molda, reconfigura e restringe as narrativas. Para compreender as instituições mediatizadas é preciso analisar suas práticas discursivas.

Para Verón (1980, p. 218),

discurso é o lugar de mediação entre um universo de operações e um universo de representações, de vez que o poder, para exercer-se, supõe o efeito de sentido, implica a crença. No nível da fala, a semiose não é mais do que esse vínculo de entrelaçamento instantâneo e perpétuo de estratégias, traços de uma produção e composição de poderes.

O autor ressalta ainda que entre a produção da mensagem e seu poder, existe uma diversidade de relações e tais relações não são lineares da produção ao reconhecimento. Em toda situação interdiscursiva há um poder que se exerce. Discurso é disputa ou apropriação de poder. A passagem de um polo a outro, da produção ao reconhecimento, “é o que se poderia chamar de embreagem dos discursos nas situações de sua circulação” (VERÓN, 1980, p. 218), é a força que coloca o discurso em funcionamento e que contribui para que ele cumpra seu círculo ao ser recebido, interpretado e reconfigurado.



Anais de Artigos

VI Seminário Internacional de Pesquisas em Midiatização e Processos Sociais

ISSN 2675-4169

Vol. 1, N. 6 (2024)

Um discurso é sempre uma mensagem produzida por alguém e endereçada a alguém (VERÓN, 1980), a partir de enquadramentos que levam em consideração os objetivos do enunciador. Os detentores de poder utilizam as tecnologias discursivas a fim de conseguir determinados efeitos em seu público. Para Fairclough (2001), os discursos não só representam as relações sociais, como as constituem. Assim como constroem identidades e entidades-chave como a doença mental, a deficiência, a cidadania, dentre outras. Diferentes discursos constituem entidades de diferentes modos e posicionam as pessoas de diversas maneiras como sujeitos sociais, estabelecendo relações como médico e paciente, professor e aluno, pais e filhos, igual e diferente, e esses efeitos sociais do discurso precisam ser estudados na análise do discurso.

Orlandi (2007) destaca que apesar da noção de discurso social se referir muitas vezes ao que é dito, é importante lembrar que há diferentes formas de dizer: as mensagens podem ser construídas através de uma formação discursiva, de um arquivo, de imagens ou através dos interdiscursos. Neste sentido, a autora define discurso como “aquilo que segue um curso, um projeto, aquilo que retorna” (ORLANDI, 2007, p. 153). Portanto, discurso é um processo de significação e está em constante movimento. No discurso, o autor é responsável pelos sentidos que o sustenta, mas nem sempre tem o domínio de como aquele discurso irá retornar ou circular. Além disso, no silêncio o sentido também “se faz em movimento, a palavra segue seu curso, o sujeito cumpre a relação de sua identidade (e da sua diferença)” (ORLANDI, 2007, p. 153). Ou seja, silêncio também é discurso, é uma forma de dizer ou não dizer, de escolher as palavras e os efeitos de sentidos que se quer produzir. O silêncio também retorna e com outras possibilidades de sentidos.

Como explica Orlandi (2007, p. 21), “a formação discursiva é heterogênea em relação a ela mesma, pois já evoca por si o “outro” sentido que ela não significa”. Assim como um texto é construído considerando uma história, uma relação com outros textos, a interpretação é individual e também se constrói a partir de uma cultura, de uma realidade que o produtor do discurso nem sempre tem domínio. “Os enunciados são ambivalentes para os intérpretes, portanto, não se pode decidir com clareza sobre seus



Anais de Artigos

VI Seminário Internacional de Pesquisas em Midiatização e Processos Sociais

ISSN 2675-4169

Vol. 1, N. 6 (2024)

sentidos” (FAIRCLOUGH, 2001, p. 36). Da mesma forma, os sujeitos não são neutros e interpretam aquelas vozes a partir do seu conhecimento e de suas experiências. Além disso, para ter acesso aos discursos midiatizados é preciso infraestrutura, conhecimento prévio e habilidade para receber, interpretar e extrapolar os dados.

Considerando que esse conhecimento é desigual, Thompson (2011) explica que a recepção deve ser entendida como uma atividade situada e especializada, já que sua interpretação depende do desenvolvimento de habilidades e de cada contexto social e econômico. O acesso a um meio técnico exige competências que irão influenciar na recepção e fixação da mensagem. Mesmo diante de sociedades e instituições midiatizadas, o acesso não é para todos. Mídias sociais contribuem para que amadores se tornem protagonistas, sendo ao mesmo tempo receptores e produtores de conteúdo. Contudo, alguns discursos permanecem silenciados.

Em seu texto “Quando ler é fazer”, Verón (2004, p. 236) define discurso também como “um espaço habitado, cheio de atores, de cenários e objetos”, e destaca que “ler é movimentar esse universo, aceitando ou rejeitando, indo de preferência para a esquerda ou para a direita, investindo maior ou menor esforço, escutando com um ouvido ou com dois. Ler é fazer [...]”. Portanto, na mesma direção de Thompson, Verón mostra que a recepção precisa ser compreendida como um polo ativo no processo comunicacional e que a mensagem só se completa quando é interpretada, quando produz sentido.

A comunicação mobiliza discursos e pode atuar como articuladora dos sentidos do capital em circulação. Para Grohmann (2020), este deve ser o papel das lutas por circulação. Se no discurso há disputa de poder, há também disputas de sentidos e, assim, as lutas acontecem e elas não se apresentam em mesmo peso de igualdade. Há sempre alguém que tem o poder da fala e outro que se cala ou é silenciado. Nos discursos midiatizados, há sentidos que tentam representar o senso comum, na medida em que mantém tantos outros sentidos invisíveis, desconsiderando as diferentes interpretações que, por sua vez, dependem de diferentes noções, contextos e experiências. Sendo



Anais de Artigos

VI Seminário Internacional de Pesquisas em Mídia e Processos Sociais

ISSN 2675-4169

Vol. 1, N. 6 (2024)

assim, diante da importância dos discursos e de uma era de mediação profunda, é fundamental compreender a construção discursiva no mundo midiático.

Nesta perspectiva, surge a necessidade de debater a relação da ideologia com a constituição dos sentidos e dos sujeitos. Para a análise do discurso, não há discurso sem sujeito e nem sujeito sem ideologia. Os discursos são pré-determinados pelas ideologias das formações discursivas e estão sujeitos à produção de diferentes sentidos. Ideologia é uma interpretação de sentido que é determinada pela história.

A ideologia se produz justamente no ponto de encontro da materialidade da língua com a materialidade da história. Como o discurso é o lugar desse encontro, é no discurso (materialidade específica da ideologia), que melhor podemos observar esse ponto de articulação (ORLANDI, 2007, p. 20).

A ideologia se forma a partir da constituição das pessoas em sujeitos sociais e reforça as hierarquias nas relações, muitas vezes sem que os sujeitos tenham compreensão disso. Esses processos são encontrados em diferentes instituições sociais como a família, a educação, a religião, além de estar entre os meios de comunicação e os indivíduos.

Verón (1993) também se preocupou com a discussão sobre ideologia, discurso e poder. Para o autor, ideologia é a relação de um discurso com suas condições de produção, enquanto poder é a relação de um discurso com suas condições de reconhecimento. Carlón (2020) contribui com essa análise ao chamar a atenção para a hiperconectividade ou os saltos hipermediáticos. Quando os enunciadores conseguem produzir um discurso que segue sendo compartilhado e reconfigurado a partir de outros sistemas midiáticos, gera aquilo que o autor chama de saltos hipermediáticos, o que aumenta o poder dos atores.

As formações discursivas refletem as diferenças ideológicas, as representações sociais e as posições dos sujeitos, constituindo sentidos diferentes. O interdiscurso, ou seja, o dizível, a memória do dizer é desigualmente acessível aos diferentes sujeitos envolvidos no processo comunicacional (ORLANDI, 2007). “Uma formação discursiva



Anais de Artigos

VI Seminário Internacional de Pesquisas em Midiatização e Processos Sociais

ISSN 2675-4169

Vol. 1, N. 6 (2024)

é aquilo que em uma dada formação ideológica [...] determina o que pode e deve ser dito” (FAIRCLOUGH, 2001, p. 52). As formações discursivas produzem o sujeito e determina o que ele pode ter acesso, como ele deve se comportar e qual a visão de mundo que lhe é permitida.

Da mesma forma, a escolha das palavras é definida a partir de quem as usa e para quem é endereçada e produz diferentes sentidos. Os enunciadores produzem discursos, sentidos e posicionam sujeitos, mas eles próprios também são produzidos pelos efeitos de sentido. Os diferentes efeitos de sentido entre enunciador e co-enunciador, entre produtor e receptor, entre os meios e os indivíduos, são construídos nas relações e essas relações são muitas vezes orientadas por ideologias e pela história e, portanto, se modificam ao longo do tempo e do espaço.

Na mesma direção, outra preocupação na análise do discurso deve ser o da mudança histórica: é importante investigar como diferentes discursos se combinam para produzir um novo discurso e como as práticas discursivas vão se modificando. Por exemplo, a construção social da doença e da saúde mudou em decorrência de discussões e pesquisas que mostraram que o conceito anterior deixou de fazer sentido para a sociedade contemporânea. Saúde era considerada como ausência de doença, enquanto atualmente a Organização Mundial de Saúde (OMS) define o termo como bem estar físico, mental e social, o que inclui a qualidade de vida e o ambiente em que a pessoa vive e trabalha. Da mesma forma, o discurso sobre pessoas com deficiência também ganhou outras inquietações que incluem mudanças nos termos utilizados: não se deve dizer mais que uma pessoa é deficiente, surda-muda ou cadeirante. Deve-se utilizar os termos “pessoa com deficiência”, “surda”, “cega”, “com mobilidade reduzida” ou ainda “usuária de cadeira de rodas”. A linguagem caminha com a sociedade, as palavras ganham novos sentidos, os discursos e as relações vão se modificando ao longo do tempo em decorrência das demandas, de pesquisas e da resistência de grupos sociais. As práticas discursivas em mudança podem afetar profundamente as atividades e contribuem para modificar o conhecimento, as crenças, o senso comum, as identidades e relações sociais (FAIRCLOUGH, 2001).



Anais de Artigos

VI Seminário Internacional de Pesquisas em Midiatização e Processos Sociais

ISSN 2675-4169

Vol. 1, N. 6 (2024)

O debate sobre as implicações do discurso nas mudanças sociais aumenta cada vez mais em decorrência da preocupação para controlar o discurso: causar mudanças nas práticas discursivas também é objetivo da política, do mercado, do capital, dos algoritmos que orientam discussões, demandas, despertam necessidades e confundem os sujeitos sobre o que é um pensamento ou efeito de sentido individual, autônomo e o que é (inteligência) artificial. Como ressalta Carlón (2020), os algoritmos intervêm tanto nas formações discursivas quanto nas mudanças sociais e também ocupam um lugar central nos processos de circulação.

Os textos representam a realidade e contribuem com a construção das relações sociais e das identidades. Se os discursos, sobretudo midiatizados e, mais ainda, sob a orientação da inteligência artificial, organizam o pensamento e o comportamento, é preciso questionar o senso comum, o consenso, o estereótipo. O discurso sobre inclusão e deficiência vem se modificando ao longo dos anos e essas diferenças se relacionam com o momento histórico. As pessoas com deficiência, a princípio consideradas como inválidas, incapazes e comumente criadas à margem da sociedade, escondidas do meio social, com o tempo foram conquistando espaços e suas demandas passaram a aparecer em debates públicos em todo o mundo, a começar pela área da educação e pelas legislações que procuram reduzir as desigualdades no acesso aos direitos humanos. Ainda assim, muitas lutas seguem invisíveis, silenciadas, não representadas, como se não fizessem sentido. Na medida em que as representações sociais ensinam sobre a construção de mundo, sobre diferentes realidades e acontecimentos, a ausência de representatividade mostra também que a constituição do senso comum, das identidades e realidades são construídas a partir de recortes, de ideologias, de escolhas entre o que deve ou não ser dito, para quem deve ser direcionado o debate e reforçam relações de poder.

De acordo com Grohmann (2020, p. 7),

Os sentidos sobre o que é ser pobre, rico, normal, migrante ou saudável, por exemplo, circulam entre os distintos momentos, com atualizações, fixações e tensões, com duplo deslocamento entre produção e consumo. Não como algo fechado ou contínuo,



Anais de Artigos

VI Seminário Internacional de Pesquisas em Mídia e Processos Sociais

ISSN 2675-4169

Vol. 1, N. 6 (2024)

mas em permanentes articulações, desarticulações, rearticulações e ruídos, pois não existe processo comunicacional transparente.

Da mesma forma que os discursos sobre diferentes temas ganham novos contornos a depender dos momentos históricos, os conceitos em comunicação também. A noção de circulação é um exemplo. O fenômeno tem sido debatido, pesquisado e foco de diferentes estudos, que procuram melhor compreender e encontrar métodos de análise da circulação. Alguns desafios são analisar um discurso em movimento; a falta de controle ou conhecimento sobre os polos emissor e receptor em tempos de mediação profunda; e analisar a não circulação.

Ao se falar em mediação, é importante considerar as transformações das condições de circulação de sentidos (FAUSTO NETO, 2018). De acordo com Gomes (2020), para compreender uma sociedade que saiu dos meios para uma sociedade em vias de mediação, é fundamental entender também a importância da circulação. Não é possível separar o efeito de circular dos processos de produção e de reconhecimento dos discursos.

Eliseo Verón é uma referência em pesquisas voltadas para compreender as noções de circulação e suas implicações não apenas nos processos comunicacionais, como na sociedade. O autor define, a princípio, circulação como a defasagem ou o desnível entre os polos de produção e de reconhecimento. A partir de seus estudos dedicados ao tema, Verón percebe que tanto os polos de produção e reconhecimento, quanto a instância de circulação, são produtores de sentidos e adquirem formas diferentes, dependendo do tipo de produção significativa.

Nesta direção, Carlón (2020) reforça o entendimento da circulação como o resultado das diferenças entre os dois polos, mas também como uma noção chave para a compreensão dos processos complexos e não lineares da produção de sentido. Assim, entende-se que a circulação posiciona o discurso e é responsável, em grande medida, pelos efeitos de sentido. Em Grohmann (2020) encontramos a proposta de pensar a circulação como um lugar epistemológico de onde se olham os processos



Anais de Artigos

VI Seminário Internacional de Pesquisas em Midiatização e Processos Sociais

ISSN 2675-4169

Vol. 1, N. 6 (2024)

comunicacionais. Para o autor, é a partir de um olhar que envolve os diferentes saberes da comunicação que se deve pensar a circulação, pela complexidade de seus aspectos e suas implicações.

Mas e quando não há acesso ao sentido da mensagem? Ou quando a ausência do discurso produz outros tantos sentidos? Os processos de mediatização e de circulação, intensificados a partir do uso e da apropriação dos meios pelos sujeitos através da internet, da emergência das redes e das relações cada vez mais mediadas, produzem o que Verón (2013) denominou de “revolução do acesso”, na medida em que provocam mudanças entre os polos de produção e reconhecimento, colocando o receptor também como produtor; contribuem com o acesso ao conhecimento e à cultura, com transformações nas relações com o outro e ainda nas relações entre indivíduos e instituições. Neste processo de revolução do acesso, emissor, receptor e toda a sociedade envolvida por essas atuações, passam por transformações no circuito a partir das tecnologias que são utilizadas e apropriadas.

Os suportes tecnológicos, cada vez mais numerosos, tornaram-se socialmente acessíveis (ainda que não reduzam de fato as desigualdades) e, com isso, produzem novas formas de discursividade (FERREIRA; ANDRADE, 2015). Nesta perspectiva, Ferreira e Andrade (2015) entendem que a revolução do acesso é também uma “revolução da circulação”, principalmente quando as plataformas sociais digitais funcionam como suporte para a circulação e reposicionam os sujeitos no discurso, diminuindo a distância entre produtor e receptor, entre meios de comunicação e indivíduos. Os autores ressaltam a importância de compreender as lógicas da circulação e suas implicações na constituição das instituições, na construção do self, bem como nas condições de produção dos discursos que, por sua vez, impacta na produção de sentido.

Da mesma forma, Grohmann destaca que

quando falamos em “circulação comunicacional”, a ênfase (o que não significa nem determinação nem totalidade) recai sobre os “sentidos” – sejam eles discursivos, culturais ou do capital – circulados nos processos e relações de comunicação, mediatizados ou não. Essa circulação apresenta marcas, rastros e



Anais de Artigos

VI Seminário Internacional de Pesquisas em Midiatização e Processos Sociais

ISSN 2675-4169

Vol. 1, N. 6 (2024)

vestígios a partir de dimensões espaciais, temporais e seus contextos sociais, inclusive ideológicos. Os contextos da circulação ajudam a desenhar lutas e embates em torno da circulação comunicacional, entre circulação e não circulação (impedimentos e interditos) (GROHMANN, 2020, p. 3).

Sim, a preocupação com a circulação envolve também a não circulação. Seja a não circulação de pessoas, de mercadorias ou de discursos, todas as opções podem silenciar algumas ou muitas vozes. São lutas por sentidos em circulação, que são marcadas por dimensões sociais, econômicas, ideológicas e políticas. Essas lutas revelam que alguns sentidos são representados ou reapropriados como se valessem para toda a sociedade, mas também que existe uma resistência que procura se apropriar do discurso em meio a barreiras no acesso. Há determinados sentidos que não são circulantes e, por isso, são formados por tensões.

É nessa direção que tentamos olhar e traçar um caminho rumo a um processo de significação que faça sentido para todos os sujeitos. Para isso, compartilhamos o interesse de Grohmann (2020) em entender quais os outros modos de fazer circular a vida em sociedade. As lutas por circulação se relacionam com as lutas por capital, por poder, com as relações hierarquizadas e fomentadas pelo capitalismo. Mas onde há disputa de poder, há também diferentes escolhas e é nessa diversidade que podem estar as brechas que procuramos encontrar e compreender. Talvez essas fissuras deixem rastros para a compreensão das lutas por sentidos. Mais do que utopia, compreender efeitos de sentidos da/na não circulação é fundamental em uma sociedade democrática, sobretudo para dar voz a quem não é ouvido e contribuir para o que propomos denominar aqui de revolução do sentido.

Considerando que se faz sentir, faz sentido, percebemos que a revolução do acesso não se dá de forma igualitária. Como os processos comunicacionais, mesmo em uma sociedade midiatizada, mantêm sentidos invalidados? Em alusão à revolução do acesso de Eliseo Verón, a revolução do sentido seria proporcionar ao sujeito o acesso ao sentido e não apenas à mensagem, a fim de reduzir barreiras no direito à comunicação,



Anais de Artigos

VI Seminário Internacional de Pesquisas em Midiatização e Processos Sociais

ISSN 2675-4169

Vol. 1, N. 6 (2024)

no acesso a bens culturais, ao conhecimento, dando a possibilidade de se posicionar como sujeito comunicante. Entendemos que há uma diferença entre ter acesso à mensagem e ter acesso ao sentido daquele discurso. Ao passo que para a mensagem se completar é preciso que haja interpretação e produção de sentido, o acesso ao sentido depende tanto da instância de reconhecimento quanto da circulação. Assim, a revolução do sentido procura valorizar a alteridade e democratizar o acesso ao conhecimento e a cultura, para que a maioria tenha condições de produzir sentidos, de se constituir como sujeito social, de se apropriar dos discursos, e tenha seus sentidos validados e representados.

Como ressalta Grohmann (2020), as lutas por circulação ou por controle de sentidos não acontecem no vazio e deixam rastros que são essenciais para uma análise do discurso crítica. É importante entender as fissuras que mantêm lacunas nos processos comunicacionais e interacionais em uma sociedade midiatizada. Essas lacunas constroem uma realidade social incompleta (NEVES, 2016), o que reforça as lutas por poder, as desigualdades e os silenciamentos.

1.1 A circulação discursiva do silêncio

Quais os efeitos de sentido na ausência do discurso, na falta de uma comunicação para a diversidade? Como se dá a produção de sentido do silêncio, da não circulação, da opacidade algorítmica que tem implicações ainda na negação da realidade? Como ter acesso ao sentido quando não se tem a possibilidade da interpretação? Autores como Verón, Fairclough, Orlandi e Grohmann contribuem para pensarmos essas questões e para a compreensão do fenômeno social que é o direito à comunicação e os obstáculos para alcançá-lo na falta de acessibilidade e de inclusão. Quando nos colocamos o objetivo de analisar o direito à comunicação de pessoas surdas, quando procuramos pelo debate sobre acessibilidade nas legislações e nas instituições de mídia, percebemos que muitas vezes estamos a analisar o não-dito, a não circulação ou ainda, como diz Grohmann (2020), os “contra sentidos” ou a “contra



Anais de Artigos

VI Seminário Internacional de Pesquisas em Midiatização e Processos Sociais

ISSN 2675-4169

Vol. 1, N. 6 (2024)

circulação”. Nos deparamos, então, com a análise do silêncio e das formas em que ele se apresenta.

De acordo com Verón, o não-dito é tão importante quanto o que é dito e as modalidades do dizer. Da mesma forma, todo dizer tem uma relação fundamental com o não dizer. Logo, todo texto carrega algum silêncio. O silêncio não é o nada, ele tem significância própria e é carregado de história. Contudo, falar do silêncio não é tarefa fácil. Como destaca Orlandi (2007), ter o silêncio como objeto de análise “nos faz correr o risco de cair em seus efeitos: o de não saber caminhar entre o dizer e o não-dizer” (ORLANDI, 2007, p. 11). Em seu livro “As Formas do Silêncio: no movimento dos sentidos”, de 2007, a autora apresenta os sentidos do silêncio e mostra que, como o próprio título do livro diz, existem diferentes formas de silêncio e todas são importantes de serem observadas. Orlandi (2007) ressalta que é fundamental compreender que há um modo de estar em silêncio que corresponde a estar no sentido, já que também há silêncio nas palavras; ela explica ainda que silenciamento é colocar o outro em silêncio; e mostra que há um processo de produção de sentidos silenciados. Há, portanto, muitos sentidos no silêncio e é importante compreendê-los e procurar caminhos para evitar a propagação desse silenciamento, para fazer ouvir as vozes historicamente excluídas do discurso.

Se discurso é o poder a ser tomado, silêncio é também disputa de poder. É sobre quem é silenciado e a quem é permitida a fala. As formações discursivas são construídas historicamente por relações de força e de sentidos. Cabe entender o que faz silenciar, os motivos do silêncio e as escolhas pelo dito e o não-dito. O silêncio reforça que todo discurso se remete a outro discurso que lhe dá realidade significativa. Podemos entender, então, que o silêncio se mantém nas reconfigurações dos discursos, nas escolhas entre participar ou não de um debate, entre disputar um lugar de fala ou não, entre se posicionar ou se silenciar.

Tanto para a análise do discurso quanto para o estudo sobre o silêncio, sobretudo em um contexto de pesquisa que trabalha com os processos de mediatização, é preciso uma análise histórica e social. Isso porque os discursos não são produzidos no vazio, se



Anais de Artigos

VI Seminário Internacional de Pesquisas em Midiatização e Processos Sociais

ISSN 2675-4169

Vol. 1, N. 6 (2024)

constituem em processos históricos e culturais (GROHMANN, 2020) e a produção de sentido também. Sujeito e sentido se constituem mutuamente nas relações e, portanto, o sentido não está dado, ele pode ser muitos.

Orlandi (2007) ressalta que para o humano existe uma necessidade do sentido, tudo precisa fazer sentido, o mundo precisa ser interpretado. Quando esse sentido é percebido como necessário pela sociedade, ele se torna possível; por outro lado, quando ele não é evidente, se mostra impossível porque não é considerado necessário historicamente. Então na falta de interpretação ou na falta de acesso ao sentido, como o humano se vê? Como o sujeito constrói sua identidade, realidade, suas noções de mundo?

“O silêncio é sentido. Não se pode estar fora do sentido assim como não se pode estar fora da história” (ORLANDI, 2007, p. 92). Ainda para Orlandi (2007), é no silêncio que estão os outros sentidos; o silêncio fala sobre o que é igual e o que é diferente; sobre o que é permitido expressar em público e o que não se deve dizer. Silêncio é aquilo que é apagado, excluído, não é apenas a ausência de palavras. Não é calar o interlocutor, mas impedi-lo de sustentar outro discurso, outros sentidos possíveis que poderiam causar rupturas importantes. Para sustentar esse outro discurso, para ocupar outra posição, o sujeito precisa se colocar em outro lugar para então ser ouvido e se significar.

Os processos de produção e consumo, sejam eles midiáticos ou midiatizados, se atualizam na circulação a partir do acesso aos sentidos. Assim como as representações sociais só cumprem seu papel ao despertar sentidos, a interpretação do mundo e o conhecimento que permite experienciar coisas que não conhecemos, também só se dão através da apreensão dos sentidos. Portanto, é importante pensar como os sentidos são construídos por meio de práticas culturais e podem ser compartilhados, isto é, circulados em variados processos e práticas. Como para todo discurso há uma interdiscursividade, o silêncio está presente no texto por escolha, se relacionando com outros textos e muitas vezes com outros silêncios e com outros não-ditos. Dizer algo significa também não dizer alguma coisa.



Anais de Artigos

VI Seminário Internacional de Pesquisas em Mídia e Processos Sociais

ISSN 2675-4169

Vol. 1, N. 6 (2024)

Se os sentidos compartilhados são homogêneos em uma sociedade que é constituída por diversidades, entende-se que mesmo em uma ambiência midiaticizada, nem todos os sentidos estão circulando, o que contribui para manter entre poucos o poder de fala. Essa pode ser uma tentativa de um lado, de homogeneizar discursos, pessoas, necessidades; e de outro lado, de apagar grupos sociais através do esquecimento de suas necessidades, realidades, de seus sentidos e direitos.

Essa permanência do silenciamento, que gera também o isolamento, reforça estereótipos e nega realidades é consequência de uma sociedade preconceituosa, que encontra nas redes sociais, na ambiência midiaticizada, um espaço para reforçar seus discursos. Cada sujeito apresenta em seus discursos muitas outras vozes. Diante desses desafios para a democratização da comunicação, é fundamental analisar o discurso em uma sociedade midiaticizada, procurando uma compreensão que ajude a intervir nos processos comunicacionais. Assim, algumas perguntas que Grohmann (2020) levanta podem contribuir com nossa perspectiva de análise: quais outros contra sentidos estão circulando? Quais sentidos são contestados? Como as lutas por circulação refletem o jogo de poder na sociedade?

Para tentar entender as formas do silêncio e os contra sentidos que aparecem na luta pelo discurso, recorreremos mais uma vez à Orlandi (2007). A autora fala de dois tipos de silêncio: o fundante e a política do silêncio. O primeiro é aquele que existe nas palavras, que significa o não-dito, que mostra que todo processo de significação traz uma relação necessária com o silêncio. Já a política do silêncio é o silenciamento, é quando se tira a palavra, obriga a dizer, faz calar, silenciar. É o sentido produzido a partir de uma posição do sujeito que faz com que outros sentidos sejam apagados, o que implica em um recorte no sentido, em fazer com que apenas um sentido seja possível. É possível observar a política do silêncio em diferentes espaços de dominação, em diferentes relações entre opressores e oprimidos, sejam elas entre homens e mulheres, entre brancos e negros, na história do Brasil em que indígenas e negros escravizados só aparecem nos discursos sob a perspectiva dos colonizadores; nos estereótipos construídos sobre as pessoas com deficiência, dentre muitos outros exemplos.



Anais de Artigos

VI Seminário Internacional de Pesquisas em Midiatização e Processos Sociais

ISSN 2675-4169

Vol. 1, N. 6 (2024)

Outra forma ainda da política do silêncio são os modos de expressão que permitem deixar entender sem incorrer na responsabilidade de ter dito. É possível dizer certas coisas e ao mesmo tempo parecer que não disse, não se responsabilizar pelo dito, como ocorre comumente nos atos de racismo, machismo e capacitismo na ambiência midiaticizada. Seja pela dominação ou pela resistência, é pela historicidade que se pode encontrar todo um processo discursivo marcado pela produção de sentidos que apagam coletividades, que excluem os indígenas e os negros, por exemplo, da história do Brasil. Eles não deixam de existir e de significar em nossa história, mas continuam sem ser ouvidos. O mesmo ocorre com as pessoas com deficiência, que são invisibilizadas e se mantêm à margem de muitos de seus direitos. O silêncio possui aspectos culturais, ideológicos, políticos e históricos. “O silêncio não é imediatamente visível e interpretável. É a historicidade inscrita no tecido textual que pode devolvê-lo, torná-lo apreensível, compreensível” (ORLANDI, 2007, p. 58). Para analisar o silêncio, é importante compreender a história e como os discursos sociais são construídos e reconstruídos no decorrer do tempo. Devemos, portanto, perguntar sistematicamente o que um determinado discurso cala.

Se o silêncio é o real do discurso, parece fundamental compreender o que ele significa, quais os seus sentidos para uma população que se mantém invisível. Os efeitos de sentido são parte de nossa constituição, de nossa forma de significar o mundo, de nos relacionarmos com as coisas e com as pessoas, da construção de nossas identidades. Sendo assim, as desigualdades nas relações de poder, que se mantêm hierarquizadas mesmo em uma sociedade midiaticizada, reforçam os silenciamentos, a opressão e os preconceitos através de discursos que refletem a sociedade como ela é.

Fairclough (2001) ressalta a importância da democratização do discurso para a redução das desigualdades. Existe uma certa democratização do acesso a tipos de discurso de prestígio, que vem se modificando a partir da resistência de grupos sociais que, por sua vez, conseguem também modificar algumas práticas discursivas e sociais. Na televisão brasileira, por exemplo, houve um aumento nos últimos anos de personagens que tentam representar uma maior diversidade, como mais pessoas negras



Anais de Artigos

VI Seminário Internacional de Pesquisas em Midiatização e Processos Sociais

ISSN 2675-4169

Vol. 1, N. 6 (2024)

interpretando papéis que fogem do antigo estereótipo como o de escravizados ou de profissões que geralmente são desempenhadas por pessoas de classes econômicas mais baixas; também as mulheres deixaram de ser representadas como figuras frágeis; e encontramos mais personagens LGBTQIAPN+. As pessoas com deficiência, no entanto, ainda não são acolhidas pelas instituições de mídia. O que provoca uma questão: por que a representatividade da mulher, de pessoas negras e LGBTQIAPN+ tem conquistado algum espaço e as pessoas com deficiência não?

As lutas por circulação de sentidos são muitas. E até mesmo para essa disputa, é necessário o acesso à comunicação, ao conhecimento, à informação, ao sentido. Existem marcadores que aumentam as desigualdades, que valorizam a hierarquia e assimetria de poder nos quais as relações de poder são desiguais. Alguns desses marcadores são: linguagem difícil, poucos que falam, falta de acessibilidade, ausência do discurso. É preciso dar voz a quem não é ouvido, usar linguagem acessível, compreensível. Se uma pessoa é normalmente a única que fala, a versão dela será a única a ser ouvida e isso é um tipo de assimetria sutil e poderosa para controlar uma interação (FAIRCLOUGH, 2001). Os marcadores muitas vezes são sutis, possuem aspectos antidemocráticos e reforçam estereótipos. É preciso assumir o papel de tentar mudar essas práticas discursivas que favorecem as relações de poder.

Todo discurso apresenta disputa na fala.

Se a reflexão sobre o silêncio nos mostra a complexidade da análise do discurso, já que por ela podemos nos debruçar sobre os sentidos contraditórios da produção de sentidos na relação entre o dizer e o não-dizer, essa reflexão nos ensina também que, embora seja preciso que já haja sentido para produzir sentidos, estes não estão nunca completamente já lá. Eles podem chegar de qualquer lugar e eles se movem e se desdobram em outros sentidos (ORLANDI, 2007, p. 24).

Nesta direção, as abordagens críticas da análise do discurso

procuram mostrar como o discurso é moldado por relações de poder e ideologias e quais os efeitos construtivos que o discurso exerce sobre as identidades sociais, as relações sociais e os sistemas de conhecimento e crença, nenhum dos quais



Anais de Artigos

VI Seminário Internacional de Pesquisas em Midiatização e Processos Sociais

ISSN 2675-4169

Vol. 1, N. 6 (2024)

normalmente é aparente para as pessoas envolvidas no discurso (FAIRCLOUGH, 2001, p. 28-29).

O silêncio não é representável. Desta forma, como analisar a opacidade, o que não existe para a mídia ou não aconteceu na história que é narrada? Se algo não existe para os meios de comunicação, não será debatido também pela sociedade e seguirá silenciado. É preciso uma ruptura desse processo. O silêncio indica que o sentido pode ser sempre outro, mas isso nem sempre é compreensível para os sujeitos do discurso. Silenciar ou produzir o não-sentido mostra que ele pode ser uma ameaça para relações de poder. O silêncio não é diretamente observável, mas ele está lá. Para torná-lo visível, é preciso observá-lo por métodos discursivos históricos e críticos. “Sem considerar a historicidade do texto e os processos de construção dos efeitos de sentidos, é impossível compreender o silêncio” (ORLANDI, 2007, p. 45).

Orlandi (2007) apresenta ainda outra forma de produção do silêncio, que é a censura. A autora fala sobre a censura política, aquela em que foi visível em tempos de ditadura, por exemplo. Mas a censura, para ela, se faz presente também em outros momentos. A censura é a produção do silêncio, é a produção do proibido. Na censura, certas palavras são proibidas para serem proibidos certos sentidos. Assim se proíbe o sujeito de ocupar certos lugares, proibem-se certas posições do sujeito. A censura pode ser compreendida, então, como a interdição do sujeito em formações discursivas determinadas. Consequentemente, a identidade do sujeito é imediatamente afetada enquanto sujeito do discurso, já que a identidade resulta de processos de identificação, representação, socialização. A censura afeta ainda a significação da história, a circulação histórica de sentidos.

Considerando a política do silêncio e os aspectos da censura, percebe-se que a linguagem é política, que há uma direção determinada nos discursos e interdiscursos, que há estratégias de silenciamento, ideologias, disputas para manter discursos apagados, o que impacta no direito à comunicação, no acesso à informação, cultura, conhecimento.



Anais de Artigos

VI Seminário Internacional de Pesquisas em Midiatização e Processos Sociais

ISSN 2675-4169

Vol. 1, N. 6 (2024)

Considerações

As lutas por circulação, portanto, são muitas e se relacionam com as lutas por poder. Onde há disputa de poder, há também diferentes escolhas e nessa diversidade podem estar as brechas para compreendermos as lutas por sentidos. Mais do que utopia, compreender efeitos de sentidos da não-circulação é fundamental em uma sociedade democrática, sobretudo para dar voz a quem não é ouvido.

O silêncio, ainda que exclua muitos grupos sociais, nutre também uma força que o faz significar em outro lugar. Para que um sujeito silenciado possa se posicionar, é preciso muitas vezes que ele encontre um outro espaço, onde sejam permitidos os seus sentidos. É nessa disputa de sentidos ou de contra sentidos, na luta por circulação, que alguns temas invisibilizados ganham espaço nos sites de redes sociais, na tentativa de apropriação do discurso, na esperança de se ter uma comunicação mais democrática.

Quando o tema da inclusão ganha o mundo, mas segue silenciado pelos meios de comunicação, pelas instituições de mídia e pouco valorizado até pela educação, alguns sujeitos encontram na internet esse espaço de chamar para o debate, de ter acesso à informação, de compartilhar seus sentidos e quebrar o silêncio.

Referências

CARLÓN, Mario. **Circulación del sentido y construccion de colectivos en una sociedad hipermediatizada**. 1a ed. - San Luis: Nueva Editorial Universitaria - UNSL, 2020.

FAIRCLOUGH, Norman. **Discurso e mudança social**, Brasília, Editora UnB, 2001, 316 p.

FAUSTO NETO, Antônio. **Circulação: trajetos conceituais**. Rizoma, Santa Cruz do Sul, v. 6, n. 2, p. 8, dezembro, 2018.

FERREIRA, Giovandro Marcus; ANDRADE, Ivanise Hilbig de. **Percorso da reflexão sobre a mediatização nos estudos de Eliseo Verón**. Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação XXXVIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Rio de Janeiro-RJ – 4 a 7/9/2015. V Colóquio Brasil-Argentina de Ciências da Comunicação.



Anais de Artigos

VI Seminário Internacional de Pesquisas em Midiatização e Processos Sociais

ISSN 2675-4169

Vol. 1, N. 6 (2024)

GOMES, Pedro. **Midiatização, sociedade e sentido: conceitos transversais.** In Midiatização, polarização e intolerância – entre ambientes, meios e circulações. Orgs.: Jairo Ferreira, Antônio Fausto Neto, Pedro Gilberto Gomes, José Luiz Braga, Ana Paula Rosa. p. 77-88. FACOS-UFSM, Santa Maria, RS, 2020.

GROHMANN, Rafael. O que é circulação na comunicação? Dimensões epistemológicas. **Revista FAMECOS**, Porto Alegre, v. 27, p. 1-13, jan.-dez. 2020.

NEVES, Manoella. **Cidadania em um mundo conectado.** In: Midiatização e redes digitais: os usos e as apropriações entre a dádiva e os mercados. Orgs.: Serge Proulx; Jairo Ferreira; Ana Paula da Rosa. FACOS-UFSM, Santa Maria-RS, 2016. P. 233-249.

ORLANDI, Eni Puccinelli. **As formas do silêncio:** no movimento dos sentidos. Ed. Unicamp, 2007.

THOMPSON, John B. **A Mídia e a Modernidade:** Uma Teoria Social da Mídia. Petrópolis. Ed. Vozes, 5ª edição, 261 p., 2011.

VERÓN, Eliseo. **A produção de sentido.** Tradução de Alceu Dias Lima. São Paulo: Cultrix. Ed. da Universidade de São Paulo, 1980.

_____. **La semiosis social: fragmentos de uma teoria da discursividade.** Gedisa Editorial. Barcelona, 1993. 236p.

VERÓN, Eliseo. **Fragmentos de um tecido.** Editora UNISINOS. Tradução Vanise Dresch. São Leopoldo, 286 p., 2004.

_____. **La semiosis social, 2: ideas, momentos, interpretantes.** Buenos Aires: Paidós, 2013.